

# I N T R O D U Ç Ã O

## A M o r t e e o M o r r e r

Halley Alves Bessa

Num artigo lúcido e cheio de considerações ricas e inquietantes, Stanislav e Joan GROF (1) abordam a relevância que tem a morte na existência humana, alertando como surpreende comprovar a negação e a elusão da morte e da agonia nas sociedades ocidentais. A enfermidade grave, fatídica, e a morte não são percebidas como parte significativa da vida, mas como ingrata evocação da incapacidade do homem para dominar e controlar a natureza. E ponderam amargamente: um moribundo é alguém que não tem vez e nada mais para oferecer. Muito pouca gente acredita que se possa obter uma lição/de enfrentamento com a agonia e a morte.

Prolongar a vida e retardar a morte, mesmo por recursos questionáveis, em que o agonizante serve aos sádios em vez destes se disporem ao que se despede, é a atitude geral. Toda uma tecnologia duvidosa e agressiva, alienante e desumanizadora é consagrada à subsistência mais que à existência, a um simulacro e vida que à autêntica vida.

Os companheiros de tais moribundos, dizem os citados autores - são os frascos e tubos medicinais, os marcapassos eletrônicos, os órgãos artificiais e os monitores de funções vitais.

Esta intensa preocupação pela prolongação mecânica da vida vem suprimindo a preocupação pela qualidade dos últimos dias do moribundo e pela relevância da própria morte e do próprio morrer. A atenção médica contemporânea costuma excluir as necessidades emocionais, filosóficas e espirituais do agonizante. Pouco serve a visão religiosa, a percepção da transcendência. Temos sido privados da oportunidade de participar da morte dos outros ou de preparar-nos para essa experiência extrema e suprema. É tão enriquecedora para os que ainda ficam.

Numa circunstância de atendimento artificializante e ilusivo, temos sido, às vezes, apenas espectadores mudos e estupefactos de uma burla, sob o manto duvidoso de uma ciência e uma tecnologia questionáveis (8-17-18).

Esses momentos cruciantes, prenhes de anseios de afeto e comunicação, são vividos solitariamente, numa sensação de abandono, de abatimento e sem esperança. Os vivos, desesperados e desesperançados, atormentam pela sua dor expressa ou disfarçada, em vez de aliviarem aquele que se despede. Muitos moribundos - observam os GROF - afrontam uma profunda crise, que é básica e total, do momento que afeta simultaneamente os aspectos biológico, emocional, psicológico e espiritual.

Entretanto, os componentes da equipe interdisciplinar de atendimento (médicos, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, etc) apenas recentemente vêm advertindo para a urgência e importância das atitudes de apoio nessa área.